

## Projeto piloto de ensino de francês e DNL-Ciências: uma experiência de estágio obrigatório supervisionado em escola pública /

### *Projet pilote d'enseignement du français et DNL-Sciences de la nature : une expérience de stage obligatoire supervisé dans une école publique*

*Luiza Vieira Scheidt\**

Professora de francês. Professora de metodologia e prática do ensino de francês. Doutora em Política Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com estágio de doutorado-trabalho na Universidade de Montreal (UDEM) em Quebec. É também pesquisadora visitante do Centro de Pesquisa em Políticas e Desenvolvimento Pessoal (CPDS-UDEM). Mestre em Teoria e Análise Linguística pela UFSC com estágio na Universidade de Paris 3 - Sorbonne-Nouvelle.

 <https://orcid.org/0000-0003-1091-9996>

*Sara Farias da Silva\*\**

Professora de francês. Professora de metodologia e prática do ensino de francês. Doutora em Política Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com estágio de doutorado-trabalho na Universidade de Montreal (UDEM) em Quebec. É também pesquisadora visitante do Centro de Pesquisa em Políticas e Desenvolvimento Pessoal (CPDS-UDEM). Mestre em Teoria e Análise Linguística pela UFSC com estágio na Universidade de Paris 3 - Sorbonne-Nouvelle.

 <https://orcid.org/0000-0002-9508-6059>

*Clarissa Laus Pereira Oliveira\*\*\**

CLARISSA LAUS PEREIRA OLIVEIRA (Florianópolis/Brasil, 1973), formadora de formadores na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e formadora TV5 Monde (BELC-Nantes, 2016), possui

---

\*  
 [luizascheidt@gmail.com](mailto:luizascheidt@gmail.com)

\*\*  
 [foliesara@gmail.com](mailto:foliesara@gmail.com)

\*\*\*  
 [clarissa.oliveira@ufsc.br](mailto:clarissa.oliveira@ufsc.br)

Mestrado em Ciências da Linguagem FLE (Université des Sciences Humaines de Strasbourg (USHS), Strasbourg, França, 1996-1997, Universidade Nancy II, Nancy, França, 1997-1998), Doutorado em Literatura Comparada (Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil, Universitat de Barcelona (UB), Barcelona, Espanha, 2006) e pós-doutorado em Interculturalidade (Université Paul Valéry Montpellier 3, Montpellier, França, 2020). Atualmente é professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), responsável pelas disciplinas Metodologia do FLE e estágios supervisionados obrigatórios 1 e 2 no curso de Letras Francês. Atualmente é Presidente da Associação dos Professores de Francês de Santa Catarina (2020-2022). Foi coordenadora do projeto Idiomas sem Fronteiras - Francês (UFSC, 2017-2019), do projeto Bonjour no Brasil em parceria com a escola Azurlingua e a plataforma Bonjour de France (2016).

 <https://orcid.org/0000-0002-6172-6871>

Recebido em: 30 jun. 2022. **Aprovado** em: 07 nov. 2022.

### Como citar este artigo:

VIEIRA SCHEIDT, Luiza; FARIAS DA SILVA, Sara; LAUS PEREIRA OLIVEIRA, Clarissa. Projeto piloto de ensino de francês e DNL-Ciências: uma experiência de estágio obrigatório supervisionado em escola pública. *Revista Letras Raras*, v. 11, p. 149-167, nov. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8072655>

### RESUMO

Este artigo apresenta um relato crítico e reflexivo da prática docente a partir dos resultados obtidos durante o estágio supervisionado do curso de Letras Francês da Universidade Federal de Santa Catarina, que teve como objetivo lançar um projeto piloto de educação bilíngue, com a disciplina de Ciências, em uma escola pública da capital do Estado. Além dos referenciais teóricos que embasaram nossa análise da educação bilíngue, descrevemos as etapas do projeto para responder às nossas primeiras perguntas sobre os benefícios e desafios da construção de uma sala de aula bilíngue. Um elemento fundamental dessa construção foi criar, em sala de aula, momentos para que os alunos envolvidos no projeto relatassem suas opiniões sobre as aulas bilíngues em pesquisas propostas pelo professor-estagiário, parte desses relatos também estão presentes no trabalho. Por fim, compartilhamos as reflexões e os resultados obtidos nesta prática com o objetivo principal de contribuir para a investigação nos domínios do francês como língua estrangeira e do ensino de disciplinas não linguísticas. Por fim, compartilhamos as reflexões e os resultados obtidos nesta prática com o objetivo principal de contribuir para a investigação nos domínios do francês como língua estrangeira e do ensino de disciplinas não linguísticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Disciplina não-linguística (DNL); Bilinguismo; Francês Língua Estrangeira; Ciências da Natureza.

### RÉSUMÉ

*Cet article présente un compte rendu critique et réflexif de la pratique enseignante qui part des résultats obtenus lors du stage supervisé du cours Lettres-Français, à l'Université fédérale de Santa Catarina, qui visait à lancer un projet pilote d'éducation bilingue, avec la discipline des Sciences, dans une école publique de la capitale de l'État. En plus des références théoriques qui ont soutenu notre analyse de l'éducation bilingue, nous décrivons les étapes du projet afin de répondre à nos premières interrogations sur les bénéfices et les enjeux de la construction d'une salle de classe bilingue. Un élément fondamental de cette construction était de créer, en classe, des moments pour que les élèves impliqués dans le projet rapportent leurs opinions sur les classes bilingues dans des sondages proposés par l'enseignant-stagiaire, une partie de ces rapports sont également présents dans l'article. Enfin, nous partageons les réflexions et les résultats obtenus dans cette pratique dans le but principal de contribuer à la recherche dans les domaines du français langue étrangère et de l'enseignement des matières non linguistiques. Enfin, nous partageons les réflexions et les résultats obtenus dans cette pratique dans le but principal de contribuer à la recherche dans les domaines du français langue étrangère et de l'enseignement des matières non linguistiques.*

**MOTS CLÉS :** Discipline non linguistique (DNL) ; Bilinguisme ; Français langue étrangère ; Sciences naturelles.

## 1 Introdução

No período entre 10 de abril e 29 de novembro de 2019, vivenciamos a experiência do Estágio Supervisionado, disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Letras Francês da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e fundamental para (re)pensar a prática docente.

O presente artigo propõe relatar criticamente a prática docente no contexto de um projeto piloto de ensino de francês em Disciplinas não-linguísticas (DNL), totalizando quarenta e nove aulas com duração de quarenta e cinco minutos cada uma. Com este relato, pretendemos também motivar futuros professores de francês a atuarem em projetos bilíngues português-francês, que começam a ser desenvolvidos em escolas no Brasil. A prática docente deste estágio se diferenciou da dos estágios supervisionados habituais, pois, além do ensino de Francês Língua Estrangeira (FLE), foi também iniciado um projeto bilíngue em conjunto com a disciplina de Ciências, proporcionando aos alunos da escola uma experiência linguística e interdisciplinar. Sendo assim, o artigo apresenta discussões sobre o ensino de FLE e sobre o ensino de Disciplinas não-linguísticas.

Certas perguntas que surgiram no decorrer do processo de formação mereceram nosso destaque: o que é bilinguismo? Qual a diferença entre escola bilíngue e escola internacional? Quais os benefícios do bilinguismo e quais os desafios enfrentados para a construção de uma aula bilíngue?

Em 2019, pela primeira vez, tivemos um projeto bilíngue em francês em uma Escola de Educação Básica, campo de estágio para as disciplinas de Estágios Obrigatórios da Licenciatura em Letras Francês. Este projeto piloto, uma parceria entre a escola e a professora do Departamento de Metodologia de Ensino, da UFSC, responsável pela disciplina de Estágio, passou por muitas etapas e processos de adequação. A falta de referências e, por consequência, a necessidade de criação de novos materiais didáticos foram alguns dos grandes desafios enfrentados por quem estava elaborando o projeto. A dificuldade em dar vida a esta idealização, ainda considerada inovadora em Florianópolis, motivou a escrita deste artigo que pretende contribuir com a pesquisa dos demais professores interessados no ensino bilíngue. É com o objetivo de que mais escolas tenham a oportunidade de vivenciar uma experiência bilíngue em

francês que trazemos nossas reflexões a fim de motivar futuros professores a dar continuidade e aperfeiçoar o estudo apresentado.

## 2 Apresentando o Projeto Bilingue

As aulas foram ministradas em uma escola estadual na região sul da cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Em 2019, a escola teve uma média de 500 alunos matriculados no ensino fundamental, uma vez que a instituição é uma das poucas estaduais que não oferece ensino médio.

O projeto de ensino de Francês-Ciências/DNL foi apresentado a esta escola porque ela já tem uma história com a disciplina de Estágio obrigatório supervisionado. Há dez anos a escola oferece o curso de extensão ministrado pelos alunos-estagiários do curso de Letras Francês. E, em 2019, aceitou o desafio de começar o projeto bilíngue que consistiu, grosso modo, em ajustar o conteúdo das aulas de língua francesa de acordo com os conteúdos trabalhados nas aulas de Ciências.

## 3 A turma 72 – Bilingue

A turma que fez parte do projeto bilíngue foi uma das turmas de sétimo ano da escola, com uma média de dezesseis alunos, todos com a faixa etária entre 12 e 14 anos. A relação que havia entre os estudantes era de bastante amizade, assim como a relação dos estudantes com as professoras da turma sempre foi de muito respeito e carinho. O afeto fez parte de todo o processo, notando-se que em todas as aulas o conteúdo foi ensinado com seriedade e sempre levando-se em consideração e os conhecimentos que cada um já tinha sobre ele, provindos das aulas de Ciências anteriores ou de experiências familiares. Em razão de a professora de Ciências ensinar o conteúdo dentro da realidade deles, falando, por exemplo, sobre espécies comuns da região, as aulas de Ciências eram, frequentemente, repletas de relatos.

Ao fim do primeiro semestre letivo, tivemos um momento de reflexão sobre o projeto, quando cada aluno pode mostrar a sua percepção sobre esta nova experiência vivenciada por eles. Para isso, a professora de Ciências produziu um material impresso com a seguinte pergunta:

“Como está sendo a sua experiência em estudar Ciências e Francês juntos?”. Este material foi entregue aos alunos pelas duas professoras, de Ciências e Francês, logo no início de uma das aulas bilíngues. Segue abaixo alguns dos depoimentos escritos por eles:

Aluno 1: Está sendo ótimo e muito fácil de aprender duas coisas juntas e divertido. Não é complicado ao contrário eu nunca pensei que teria francês e ainda mais eu não sabia que seria na sexta-feira junto com ciências. Eu sempre joguei videogame que era da origem em francês e me acostumei com um pouco disso. Eu achei boa essa ideia dessas aulas junta\*, que nas quartas também tem inglês com francês.

Aluno 2: Está sendo uma experiência inédita, pois estudar uma matéria junto com outro idioma não é qualquer escola que faz isso; ao mesmo tempo que é legal e diferente também é difícil porque na mesma hora que estamos aprendendo um novo conteúdo também aprendemos francês, é um pouco confuso. Mas no geral é uma ótima oportunidade para o futuro.

Aluno 3: Está sendo boa, pois é bom ter uma língua a mais, e também estão servindo bastante essas aulas já aprendi bastante coisa, alguns verbos, alguns animais, mais\* o que mais gostei foi aprender a falar nomes de animais em francês(...) e queria agradecer a escolherem nossa turma para aprender essa língua a mais.

É interessante observar os diferentes olhares dos alunos em relação ao projeto. Enquanto um afirma ser “ótimo e muito fácil”, o outro relata ser “um pouco confuso”. A fim de torná-los agentes na construção do projeto e de criar material para uma reflexão sobre a prática docente é de extrema importância observar os alunos e procurar saber a opinião de cada um sobre o projeto que eles estão construindo com os professores, pois, apenas com essa observação crítica é que se pode criar oportunidades de aprendizagem que sejam consideradas válidas e interessantes. Nesse sentido, o *savoir-faire* dos alunos também está sendo considerado nesse processo de ensino-aprendizagem.

#### 4 A educação pública no Brasil

O ensino de língua estrangeira (LE) no Brasil é uma realidade comum na maioria das escolas, entretanto, a língua francesa, embora já tenha tido seu lugar nos currículos escolares, está restrita a algumas poucas escolas que optaram pela sua inclusão. No ensino básico brasileiro, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, desde 2017, institui a língua inglesa como LE

obrigatória nas escolas (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017), como podemos ler na citação abaixo.

§ 4º Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino.

Apesar de a língua inglesa possuir mais espaços de divulgação, de uso e de ensino, a cultura e língua francófonas estão conquistando novas oportunidades. A turma de sétimo ano, trabalhada neste projeto, possuía três horários reservados para as aulas de inglês. No entanto, foi de extrema importância o papel da professora de inglês que, durante o primeiro semestre letivo, gentilmente cedeu um de seus horários para que os alunos pudessem começar a ter também aulas de francês a fim de completar e reforçar as estruturas de língua aprendidas nas aulas de Ciências.

Há dez anos essa escola é parceira do projeto *Nous parlons français*<sup>1</sup> (NPF), que coloca em prática o ensino do francês, de forma extracurricular e voluntária, em escolas públicas de Florianópolis, e possibilita que mais jovens tenham acesso a essa língua e a essa cultura estrangeiras. Neste ano de 2019, ela aceitou participar do projeto piloto, braço bilíngue do NPF, o *DNL-Sciences de la nature et FLE*.

As disciplinas bilíngues são chamadas de disciplinas não-linguísticas, porém, esta expressão não é considerada própria por todos os linguistas, afinal todas as disciplinas escolares utilizam a língua para serem ensinadas, por isso, é também utilizado o termo *discipline «dites» non linguistiques «DdNL»*.

O ensino DNL em LVE utiliza o contexto da língua estrangeira como meio de transmissão e se apoia no contexto específico da DNL para fazer os estudantes progredirem tanto na disciplina quanto na língua (competências linguísticas, sociolinguísticas e pragmáticas). Isso constitui a especificidade deste ensino. (MICHAUD, 2014, p. 36)<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> O projeto *Nous parlons français* bem como o projeto bilíngue que foram inseridos nesta escola são de coordenação da professora Dra. Clarissa Laus Pereira Oliveira.

<sup>2</sup> L'enseignement de la DNL dans la LVE utilise le contexte de la langue étrangère comme support de transmission et s'appuie sur le contexte spécifique de la DNL pour faire progresser les élèves à la fois dans la discipline et la langue (compétences linguistiques, sociolinguistiques et pragmatiques). Cela constitue la spécificité de cet enseignement. (MICHAUD, 2014, p. 36)

A expressão “disciplina não linguística” - DNL - embora seja conveniente e de uso corrente, parece bastante inadequada, uma vez que não existem disciplinas não linguísticas na escola; todas as disciplinas utilizam línguas a serem ensinadas e, além disso, variantes específicas e originais dessas línguas; seria mais adequado falar de disciplinas “ditas” não linguísticas “DdNL”. (Tradução nossa, ADEB, 2011, p. 7)<sup>3</sup>

Apesar das contestações, neste relato o termo DNL será utilizado por ser o termo mais aceito.

Como mencionado anteriormente, o ensino de LE no Brasil é muito voltado para o ensino de língua inglesa, que ainda é considerado precário. Para Gerald Kelly (2000), a aprendizagem do inglês decorre muitas vezes da falta de interesse do aluno, notando-se a falta de integração com a pronúncia, com a gramática e com o vocabulário. Destaca-se também a falta de tempo de prática em língua francesa durante a semana como dificultador no entrosamento do aluno com o idioma. Sendo assim, a tarefa de trazer mais uma língua estrangeira para o currículo dos estudantes pode ser vista como um desafio ainda maior do que o previsto inicialmente. Quando falamos de escolas particulares isso também pode ser visto, porém, com algumas diferenças. Geralmente, o ensino de LE nessas escolas acontece com o inglês como LE obrigatória e o espanhol, LE optativa. Poucas são as escolas que oferecem outras línguas como francês, italiano e alemão na grade de disciplinas optativas.

Em Blumenau, município do Estado de Santa Catarina, foram criadas duas unidades de ensino bilíngue (NSC Total, 2019). Em 2019, na Escola Municipal Erich Klabunde, os alunos do 1º ao 5º ano passaram a ter aulas na língua alemã. O ensino com a integração da língua alemã vem com o objetivo de fortalecer a relação de proximidade com o alemão, comum entre as famílias desta região. Já no caso da Escola Municipal Professor Fernando Ostermann, também localizada em Blumenau, passou-se a oferecer, a partir deste ano, matérias regulares na língua inglesa (UNDIME, 2018). Em Pomerode, o ensino bilíngue português-alemão é oferecido nas escolas Olavo Bilac e Dr. Amadeu da Luz. É neste sentido que as políticas linguísticas trabalham uma ligação entre as culturas locais e os currículos escolares, a fim de valorizar e incluir as diferenças

---

<sup>3</sup> L'expression « discipline non linguistique » - DNL - même si elle est commode et habituellement utilisée, semble tout à fait inappropriée, car il n'existe pas, à l'école, de disciplines non linguistiques ; toutes les disciplines utilisent des langues pour être enseignées et, qui plus est, des variantes spécifiques et originales de ces langues ; il serait plus convenable de parler de disciplines « dites » non linguistiques « DdNL ». (ABED, 2011, p. 7)

no âmbito escolar, temáticas já contempladas nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (BRASIL, 2010):

A escola de qualidade social adota como centralidade o estudante e a aprendizagem, o que pressupõe atendimento aos seguintes requisitos: [...] consideração sobre a inclusão, a valorização das diferenças e o atendimento à pluralidade e à diversidade cultural, resgatando e respeitando as várias manifestações de cada comunidade. (BRASIL, 2010, p. 03)

Em Bombinhas, o menor município do Estado, foi inaugurado no final de 2018 o Centro de Educação Integral Leonel Brizola que, diferentemente das outras escolas acima citadas, possui um projeto que é considerado pioneiro por ser a primeira escola pública integral bilíngue do Brasil, já que algumas escolas oferecem de forma optativa no contraturno ou obrigatória apenas em algumas disciplinas.

Há também um crescente de mercado impulsionado pela procura dos pais de alunos de escolas particulares regulares, assim, as escolas bilíngues e escolas internacionais podem ser cada vez mais encontradas no país, pois, como diz Gajo (2019), a língua estrangeira dá um status importante à na construção dos saberes.

A educação bilíngue pode ser definida como o ensino completo ou parcial de uma ou mais (ou parte de) disciplinas não linguísticas (DNL - por exemplo, matemática, história, biologia) em uma segunda língua ou em uma língua estrangeira (L2). E também oferece à L2, que se torna a língua de ensino/escolarização, um *status* privilegiado na construção de saberes. (Tradução nossa, p. 15)<sup>4</sup>

Apesar dessa grande tendência, muitos questionamentos ainda permeiam o assunto, como, por exemplo, o que é bilinguismo? Qual a diferença entre escola bilíngue e escola internacional?

A definição de bilinguismo não existe de maneira muito precisa, pois existem estudos de diferentes autores que se debruçam sobre o tema, como Bloomfield, Macnamara e Titone. Na Tab.

---

<sup>4</sup> L'enseignement bilingue peut être défini comme l'enseignement complet ou partiel d'une ou de plusieurs (ou d'une partie de) disciplines non linguistiques (DNL – par exemple, les mathématiques, l'histoire, la biologie) dans une langue seconde ou étrangère (L2). Il donne ainsi à la L2, qui devient langue d'enseignement/scolarisation, un statut privilégié dans la construction des savoirs. (GAJO, 2009, p. 15)

1 abaixo, elaborada pela Associação Brasileira de Ensino Bilíngue, pode-se observar que, para estes autores, o termo bilíngue possui definições divergentes.

Tabela 1: Definições de bilinguismo.

BLOOMFIELD	“controle nativo de duas línguas” (BLOOMFIELD, 1935, apud HARMERS e BLANC, 2000:6).
MACNAMARA	“bilíngue é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa”(MACNAMARA, 1967 apud HARMERS e BLANC, 2000:6.).
TITONE	“a capacidade individual de falar uma segunda língua obedecendo às estruturas desta língua e não parafraseando a primeira língua” (TITONE, 1972 apud HARMERS e BLANC, 2000:7)

Fonte: <http://abebi.com.br/lorem-ipsum-dolor-sit-amet-consectetur/>

Toda essa variedade de definições para o termo pode levantar questionamentos entre as vantagens e desvantagens do mesmo. Uma das vantagens é a diversidade de possibilidades de metodologias de ensino que podem ser promovidas através do bilinguismo. É por isso que podemos observar que as escolas que abordam o tema bilíngue em seus sistemas de ensino apresentam diferenças entre elas, o que acaba confundindo e deixando muitas pessoas em dúvida quanto aos seus benefícios. Uma escola com o ensino bilíngue, por exemplo, costuma inserir o idioma ao longo das aulas ou realizado em contraturnos – sem que isso modifique as disciplinas tidas como obrigatórias no seu país. Já as escolas internacionais seguem os parâmetros estipulados pelo país de origem da língua estrangeira, criando uma imersão ainda maior.

Ao contrário do que muitas pessoas ainda podem pensar, não há o que comprove uma maior probabilidade de atraso no desenvolvimento linguístico de crianças, muito pelo contrário, o bilinguismo não afeta o aprendizado e/ou o processo cognitivo dos indivíduos bi/plurilíngues. Afirmam Aden e Peyrot, em *Les langues modernes* (2009): “Um dos elementos mais inovadores da didática da DNL é a utilização de uma língua estrangeira, imperfeitamente dominada, para servir como vetor para a conceituação de noções disciplinares complexas” (Tradução nossa, p.

28)<sup>5</sup>. Certas desvantagens criadas e conhecidas pelas pessoas como confusão entre um idioma e outro não possuem comprovação científica.

As escolas bilíngues e escolas internacionais, cada vez mais frequentes no país, se aproveitam de uma antiga crença para aumentar a sua clientela: a de que o inglês como LE oferecido no currículo das escolas regulares não é suficiente. Assim, essas escolas vendem a vantagem de que não haveria mais a necessidade de matricular seus filhos em um cursinho de língua fora da escola regular. Entretanto, como citado anteriormente, os conceitos de ensino entre escolas bilíngues e internacionais é bem distinto.

Nas escolas internacionais, no Brasil, os conteúdos são ensinados na língua estrangeira e o português é usado ocupando o lugar da segunda língua. O programa oficial das internacionais não é o do MEC, como ocorre nas brasileiras regulares, e sim o da nação de origem da unidade. Essas escolas possuem um preço ainda mais alto do que as bilíngues, sendo em média 30% mais caras.

Os benefícios recorrentes de um ensino bilíngue podem ocorrer nos campos comunicativo, cognitivo e cultural. A Associação Brasileira de Ensino Bilíngue cita algumas vantagens oferecidas pelo ensino bilíngue, como o aumento de oportunidades profissionais e a possibilidade de formar estudantes para uma economia mundial. Há ainda vantagens cognitivas de ser bilíngue, como afirma Wei (2000):

Pesquisas mais recentes mostram que os bilíngues podem ter algumas vantagens no pensamento, que vão de um pensamento criativo a um desenvolvimento cognitivo precoce e uma maior sensibilidade na comunicação. Bilíngues podem ter duas ou mais palavras para cada objeto e ideia; às vezes, palavras correspondentes em idiomas diferentes têm conotações distintas, por exemplo. Os bilíngues são capazes de estender o leque de significados, associações e imagens e pensar de maneira mais flexível e criativa. Portanto, um bilíngue tem a possibilidade de ter mais consciência da linguagem e fluência, flexibilidade e elaboração de pensamento do que um monolíngue. (Tradução nossa, p. 24)<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> L'un des éléments les plus innovants de la didactique des DNL, c'est l'utilisation d'une langue autre, imparfaitement maîtrisée, pour servir de vecteur à la conceptualisation de notions disciplinaires complexes. (ADEN, PEYROT 2009, p. 28)

<sup>6</sup> More recent research has shown that bilinguals may have some advantages in thinking, ranging from creative thinking to faster progress in early cognitive development and greater sensitivity in communication. For example, bilinguals may have two or more words for each object and idea; sometimes corresponding words in different languages have different connotations. Bilinguals are able to extend the range of meanings, associations and images, and to think more flexibly and creatively. Therefore a bilingual has the possibility of more awareness of language and fluency, flexibility and elaboration in thinking than a monolingual. (WEI, 2000, p. 24)

É a partir desses conceitos que o projeto *DNL-Sciences de la nature et FLE* foi criado e começou a ser implementado e aplicado na escola onde realizamos o estágio.

## 5 Língua Estrangeira nas escolas/projetos

Como descrito acima, não há um modelo único para a escolha de uma língua estrangeira a ser ensinada nas escolas regulares e nem mesmo sobre qual a melhor maneira de ensiná-la.

No caso da escola em questão, a LE adotada no currículo obrigatório é a língua inglesa, entretanto, como já mencionado, há dez anos já é oferecido no contraturno aulas de francês aos estudantes do ensino fundamental, através do projeto *Nous parlons français*. É também através deste mesmo projeto que alguns estudantes do curso de licenciatura em Letras-Francês da UFSC colocam em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas de Metodologia e Estágios Obrigatórios, sendo que estes se tornam mais concretos a partir da experiência em sala de aula com a prática docente, elaboração e aplicação do plano de aula e das perspectivas/metodologias para o ensino de FLE.

Em Florianópolis, uma das escolas internacionais que adota a língua inglesa como a língua principal do seu currículo, também oferecem o francês cinco vezes por semana, como informado no seu site oficial (EIF, 2019):

No Ensino Fundamental, nossos alunos têm em sua grade de disciplinas aulas de Português, Matemática, História, Geografia e Programa de Saúde em Língua Portuguesa, no turno matutino. No turno vespertino, estudam *English Language Arts, Art, Science, Social Studies, Music, Math Strategies* e *Physical Education* em Língua Inglesa. Nossos alunos também aprendem o Francês como língua estrangeira. (EIF, 2019).

O Instituto Estadual de Educação (IEE) possui um centro de línguas, cujos módulos são semestrais, que “objetiva oferecer e oportunizar aprendizado de línguas estrangeiras aos alunos do IEE e à comunidade em geral, do nível básico infantil ao avançado, em todos os idiomas oferecidos que são: Inglês, Espanhol, Francês e Alemão” (site oficial da escola). Percebe-se aqui uma diferença com a escola internacional de Florianópolis, que mantém a língua francesa dentro

do currículo escolar como obrigatório, já a segunda oferece de forma opcional o estudo da língua estrangeira.

Saindo de Santa Catarina temos um grande modelo a servir de referência para o ensino bilíngue-francês no Brasil: o Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) 449 – Governador Leonel de Moura Brizola – Intercultural Brasil-França que oferece aulas de biologia em francês, em Niterói, no Rio de Janeiro.

O colégio, que pertence à Secretaria de Educação, é uma das três unidades de ensino da América do Sul que recebeu o selo de qualidade *Label France Éducation*, concedido a escolas que promovem uma metodologia de excelência da Língua Francesa. (O FLUMINENSE, 2017)

Após esse brevíssimo panorama sobre os projetos que ensinam o francês como língua estrangeira no Estado de Santa Catarina e no Estado do Rio de Janeiro, iremos em seguida apresentar o relato e as vivências da professora-estagiária de francês responsável por ministrar esse projeto piloto na escola em Florianópolis.

## 6 Relato e Vivência da professora-estagiária de Francês

A partir de agora apresentaremos o relato pessoal da professora-estagiária que vivenciou este estágio obrigatório supervisionado.

O começo de qualquer nova etapa costuma ser desafiador, e iniciar a minha prática docente nesta escola não foi diferente. Ter em mente que todo o meu trabalho seria observado e avaliado, contexto inerente aos estágios obrigatórios, foi sempre motivo de grande preocupação desde o primeiro semestre da graduação.

É visível a transformação do professor-estagiário que, ao longo do semestre, evolui em inúmeros quesitos dentro de sala de aula e se sente cada vez mais à vontade no papel de professor. É por isso que se reforça aqui a importância de cada etapa do Estágio Obrigatório Supervisionado, desde a leitura de textos teóricos até a elaboração das atividades, dos relatos críticos e, principalmente, o momento dentro de sala de aula em si, exercendo tudo aquilo que anteriormente fazia parte apenas da teoria. É nesta parte do processo que todo o trabalho feito é recompensado.

Outro elemento de extrema importância para o bom trabalho do professor são as relações. Uma das mais importantes é a relação estabelecida entre o professor e a escola onde leciona. No caso do Estágio Obrigatório em questão, a escola se empenhou, do início ao fim, para que o projeto acontecesse da melhor maneira possível. Todo o apoio oferecido pela coordenação e por todo o corpo docente fizeram com que a minha motivação durante o processo (planejamento, preparação e ministração das aulas, elaboração dos relatórios) crescesse e isso contribuiu grandemente para que tivéssemos um resultado final positivo.

Para além da relação direta entre a escola e o professor, é importante destacar a importância da relação entre a escola e os alunos, pois, neste projeto, toda a equipe pedagógica sempre lembrava os alunos da importância de serem gratos pela oportunidade oferecida a eles de serem integrantes e parte fundamental da realização deste projeto bilíngue, ainda tão pouco visto no estado de Santa Catarina e, principalmente, jamais visto em se tratando da língua francesa. Desta forma, os alunos se sentiam pertencentes à escola e ao projeto, aumentando a conscientização da importância de cada um. Esta atuação da escola teve grandes reflexos no vínculo estabelecido entre professor e aluno, o qual se tornou mais uma fonte de motivação para mim, pois tive alunos interessados nas aulas, respeitosos e atenciosos. Sendo assim, meu comprometimento aumentava para além da minha já esperada e obrigatória responsabilidade.

A última relação que me sinto motivada a descrever aqui é aquela entre os alunos. Turmas da faixa etária como as de sétimo ano podem trazer inúmeros desafios aos professores. Entretanto, com os alunos de idade entre 12 e 14 anos, participantes do projeto bilíngue, o encaminhamento durante todas as aulas foi leve, considerando que os alunos tinham uma boa relação entre si e com os professores, com muito respeito e interesse pelas atividades propostas. Desta forma, conseguiam alimentar uma grande motivação para elaborar as aulas semanais com entusiasmo. Os alunos possuíam alguns grupos já fechados de amizade, como é comum entre os jovens, porém, isso não impediu que eles mantivessem boa relação entre todos e cultivassem um comprometimento geral com as aulas de francês, que ia além das minhas expectativas que, no início do estágio, não eram muito altas, considerando relatos de outros colegas da mesma área que não se sentiam motivados devido à falta de interesse geral dos alunos. Por isso, inicialmente, o ano de estágio para mim era apenas uma promessa que se concentrava no conhecimento que eu iria adquirir com as trocas de experiências com os professores e toda a equipe escolar.

É, portanto, o conjunto de todas as relações acima citadas que tornam possível o trabalho do professor. No caso do projeto DNL, trabalhávamos em dupla, a professora de Ciências e eu, como professora de língua francesa. Durante todo o processo de elaboração das aulas e a prática foi muito benéfico ter a harmonia que tivemos entre nós.

Um dos fatores que, somados aos outros acima citados, me chamou a atenção como um grande diferencial foi a formação da professora. Tendo sido professora na Universidade Estadual de Maringá, ela demonstrou ser uma profissional capacitada que transmite facilmente todo seu conhecimento durante as aulas. Além disso, é nítido seu interesse em se aprimorar cada vez mais, uma vez que se coloca em frente a mais um desafio: o novo processo de formação no ensino DNL.

Um exemplo de uma atividade que elaboramos em conjunto para a aula bilíngue foi uma aula dinâmica em que os alunos provaram alguns alimentos tradicionais da cultura francesa. Nesta aula, os conteúdos abordados pelo viés da Ciência foram os fungos e a fermentação. Já os conteúdos abordados pelo viés da língua francesa foram o léxico sobre a gastronomia (os queijos, os pães e os cogumelos) e os adjetivos qualificativos (*superbe, bon/bonne et simple*). A atividade está descrita abaixo:

Atividade 1: Completar uma ficha (Ficha 1) sobre suas preferências.

- A professora Daniela fará a introdução da aula, revisando o conteúdo a ser tratado neste dia (os fungos).
- As professoras montarão três mesas como se fossem diferentes *stands*. Uma com queijos, uma com *champignons* e outra com pães.
- Os alunos deverão passar de mesa em mesa, provar os alimentos e completar a ficha. Antes de iniciar a degustação, a professora Luiza entregará a ficha para cada aluno e fará a leitura em voz alta de cada alimento. Os alunos repetirão a pronúncia:
  - *Les fromages : le brie, le camembert et le roquefort.*
  - *Les champignons : le champignon de Paris et le champignon pleurote.*
  - *Les pains : la baguette et le croissant.*
- Compartilhar as experiências em grupo.

Ficha 1: Ficha de degustação

**FICHE DE DÉGUSTATION**

Écris les noms des aliments et marque un X sur l'option que tu trouves superbe, bon/bonne ou simple.

LES FROMAGES				
-	-	SUPERBE	BON/BONNE	SIMPLE
SAVEURS				
TEXTURES				
Commentaires :				

LES CHAMPIGNONS				
-	-	SUPERBE	BON/BONNE	SIMPLE
SAVEURS				
TEXTURES				
Commentaires :				

LES PAINS				
-	-	SUPERBE	BON/BONNE	SIMPLE
SAVEURS				
TEXTURES				
Commentaires :				

Fonte: Elaboração própria.

A aula iniciou com a revisão feita pela professora de Ciências sobre o conteúdo a ser trabalhado: os fungos. Enquanto ela explicava o conteúdo, eu escrevi no quadro os alimentos que eles teriam que completar na ficha: *Les fromages : le camembert et le roquefort. Les champignons : le paris et le pleurote. Les pains : la baguette et le croissant.* Após a revisão, entreguei as fichas da degustação e os alunos a completaram com as informações do quadro.

A professora de Ciências e eu explicamos juntas a dinâmica da degustação, sendo que ela revisou brevemente o conteúdo dos fungos, em português, explicitando o motivo pelo qual a degustação tinha ligação com o conteúdo de Ciências. E eu expliquei, em francês, como eles deveriam utilizar a tabela, e que aqueles alimentos fazem parte do cotidiano francês. Em seguida, fomos até a sala ao lado onde estava montada a nossa mesa com os alimentos.

Apesar de na maior parte do tempo do projeto eu ter interagido com os alunos em francês, nesta aula os alunos falaram bastante em português. Sendo assim, o uso da língua estrangeira pelos alunos ficou restrito ao vocabulário referente aos alimentos e aos conceitos *simple, bon/bonne et superbe*. Acredito que isso aconteceu devido ao fato de os alunos estarem muito animados durante a degustação, provando alimentos que eles ainda não conheciam, e se expressando de forma muito espontânea, o que ocorre com mais facilidade na língua materna. O resultado dessa degustação, do ponto de vista gastronômico, foi que o queijo *roquefort* foi detestado pela maioria, enquanto que o *croissant au chocolat* não durou cinco minutos.

Considero que, apesar do uso da língua francesa ter sido menos expressivo por parte dos alunos neste dia do que em outros, esta tenha sido a melhor aula bilíngue que tivemos durante todo o ano, com alunos muito envolvidos e interessados e, principalmente, o conteúdo de ciências bem integrado com a cultura francesa.

## Conclusão

Ao longo deste trabalho foram descritas algumas definições teóricas relacionadas ao bilinguismo e também às Disciplinas não-linguísticas. Uma das grandes dificuldades ligadas a este tema é a divergência na definição dos conceitos e a falta de referências disponíveis para servir de parâmetro e motivação aos professores interessados no assunto. Para além das definições teóricas, foi apresentado o relato da professora-estagiária de francês que colocou o projeto piloto em prática.

O trabalho realizado foi proveitoso tanto para os alunos quanto para os professores que puderam vivenciar uma experiência bilíngue de perto, jamais aplicada na escola. Os professores das outras disciplinas puderam perceber um maior interesse e rendimento dos alunos, visto que houve uma melhora nas notas com o início do projeto bilíngue.

É evidente que um trabalho inovador passa por inúmeras etapas de transformação. No caso do projeto bilíngue descrito neste artigo, pudemos observar uma evolução da nossa prática de ensino bilíngue. Ao fim do ano de 2019, já podíamos elaborar aulas com mais facilidade e que abordassem ambas as disciplinas (FLE e Ciências da natureza) com mais equilíbrio, não favorecendo apenas uma das disciplinas por aula. Finaliza-se este trabalho com o sentimento de satisfação e com a expectativa de que o projeto seja próspero, já com os primeiros e mais desafiadores passos dados.

Por ser um projeto inovador, o ensino de francês e DNL-Ciências precisa de professores-estagiários interessados e capacitados para dar continuidade ao projeto. Para isso, se faz necessário também que haja incentivo e apoio de escolas como a que nos acompanhou neste ano.

Parte principal do estágio, com certeza, são os alunos. Em especial os alunos que fizeram parte deste projeto bilíngue, sendo compreensivos com as novidades que estavam recebendo,

participativos durante as aulas e muito carinhosos. Além deles, salienta-se a importância das professoras de Ciências, inglês e português que, com muita gentileza e interesse pela inclusão de uma língua estrangeira no currículo de seus alunos, cederam parte de suas aulas. O corpo docente e integrantes da direção e coordenação da escola exercem diariamente as palavras que estão estampadas na entrada com a célebre frase do escritor brasileiro Rubem Alves: “Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.”

A importância do estágio docente mostra-se cada vez mais evidente, bem como de sua realização nas escolas públicas como um grande incentivo ao ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira, ainda visto como um luxo em determinados contextos sociais e econômicos. Além de proporcionar uma maior segurança para a professora-estagiária em começar a trilhar o seu caminho profissional, a experiência do estágio obrigatório mostrou-se como uma porta de entrada para o despertar do interesse particular de cada aluno pela busca de algo desconhecido. Neste caso, a língua e cultura francófonas servem como fomento para que cada aluno inicie uma busca por mais conhecimento nesta área, ou mesmo em outros campos, uma vez que eles percebem que podem alcançar os mais diversos meios. Abre-se, então, um leque de novas possibilidades.

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO BILÍNGUE. Disponível em: <<http://abebi.com.br/>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

ADEN, PEYROT. *L'enseignement de la discipline non linguistique dans la filière hôtellerie-restauration*. Disponível em <<https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-02504018/document>>. Acesso em 09 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília: MEC/SEB, 2010.

DIRETRIZES e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm#art26%C2%A75](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm#art26%C2%A75)>. Acesso em: 06 jun. 2019.

DUAS escolas da rede municipal de Blumenau implantaram o ensino bilíngue em 2019. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/duas-escolas-da-rede-municipal-de-blumenau-implantaram-o-ensino-bilingue-em-2019>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

ENSEIGNEMENT bilingue. Disponível em: <[http://www.adeb-asso.org/wp-content/uploads/2014/02/ADEB\\_brochure\\_DNL\\_12\\_2011.pdf](http://www.adeb-asso.org/wp-content/uploads/2014/02/ADEB_brochure_DNL_12_2011.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2020.

ENSINO Fundamental I. Escola Internacional de Florianópolis. Disponível em: <<https://eif.com.br/fundamental-1/>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

ESCOLA de Niterói é referência em ensino bilíngue. Disponível em: <<https://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/escola-de-niter%C3%B3i-%C3%A9-refer%C3%Aancia-em-ensino-bil%C3%ADngue>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

GAJO, Laurent. D'une société à une éducation plurilingues : constat et défi pour l'enseignement et la formation des enseignants. Synergie Monde 1, 2006. p. 62-66.

KELLY, Gerald. How to teach pronunciation. Essex: Pearson Education Limited, 2000.

MICHAUD, Christian. Disciplines non linguistiques en Langues Vivantes Étrangères : quelle prise en compte des effets de contextes pour améliorer les enseignements ?, Contextes et didactiques. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/ced/413>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

PRIMEIRA escola pública integral bilíngue de SC será inaugurada nesta quinta em Bombinhas. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/colunistas/dagmara-spautz/primeira-escola-publica-integral-bilingue-de-sc-sera-inaugurada-nesta>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

UNDIME-SC. *Blumenau lança duas escolas bilíngues*. Disponível em: <<http://undime-sc.org.br/noticias/blumenau-lanca-duas-escolas-bilingues/>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

WEI, L. (Ed.) The Bilingualism Reader. London and New York: Routledge, 2000.